

Os Primeiros Passos da Imprensa no Interior Paulista¹

Paula Melani ROCHA²
LABJor/UNICAMP

Resumo

Na segunda metade do século XIX, floresceu a imprensa no interior do estado de São Paulo, mais especificamente na região noroeste do estado. Os periódicos tinham caráter artesanal e foram marcados, em sua maioria, por vidas curtas. Desenvolveram-se ao lado da cultura do café, juntamente com as benfeitorias e possibilidades que essa cultura trouxe para a região. O objetivo do artigo proposto é levantar a história da imprensa e do jornalismo na região noroeste do interior paulista até o período do final do século XIX. A metodologia utilizada foi a pesquisa documental e bibliográfica.

Palavras-chave: Jornalismo; História do Jornalismo; Interior do Estado de São Paulo; Jornais.

I. Apresentação

A relação entre jornalismo e sociedade não é fruto do modo de produção capitalista. A necessidade de trocar informações é inerente ao homem, independente do período histórico e suas circunstâncias. Ao longo da história da humanidade desenvolvem-se diferentes formas de se comunicar. Elas estão associadas às características econômicas, sociais, políticas, culturais e tecnológicas. Lévy (1999) identifica três momentos históricos distintos da sociedade, levando em consideração as formas de comunicação: o primeiro corresponde às sociedades fechadas, voltadas à cultura oral; o segundo refere-se às sociedades civilizadas, imperialistas, que utilizavam a escrita; e o terceiro a cibercultura que seria o atual, referente à sociedade globalizada.

A pesquisa em comunicação, entre outros objetivos, busca entender o mundo que norteia o jornalismo e a comunicação social. Há estudos sobre os meios de comunicação, as teorias do jornalismo, os elementos que interagem no processo comunicativo, as formas e processos de informação, a história do jornalismo, o jornalismo enquanto profissão e enquanto ciência, os setores do mercado de trabalho, a

¹ Trabalho Apresentado no GP História do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisadora-colaboradora do LABJor/UNICAMP. Docente e coordenadora do curso de Jornalismo das Faculdades COC, e-mail: paulamelani@netsite.com.br

sociedade da informação e a relação do jornalismo com o contexto social entre outras questões. Os olhares dos objetos de análise mudam de acordo com a perspectiva teórica adotada pelo pesquisador.

O artigo proposto faz parte de um estudo mais amplo desenvolvido junto ao LABJor/UNICAMP, o qual analisa o conhecimento no exercício do jornalismo e na formação dos profissionais, considerando as transformações históricas, principalmente, a relação da profissão com a sociedade na qual está inserida. O objetivo deste projeto de pesquisa é identificar o conhecimento que embasa o jornalismo e seu mundo de trabalho, na sociedade globalizada. A relevância do entendimento do jornalismo na sua forma mais ampla é uma forma de entender a sociedade global, que tem como característica a sociedade da informação, movida pelos meios de comunicação e pela troca das informações sejam de âmbito local, nacional ou internacional.

Para isso, é necessário entender as transformações históricas do jornalismo enquanto prática profissional bem como o desenvolvimento da formação do jornalista profissional. A primeira etapa da pesquisa trata-se do levantamento sobre a história do jornalismo brasileiro, mais especificamente o período do final do século XIX. O primeiro recorte tem como foco a imprensa do interior paulista, da região noroeste do estado de São Paulo, mais especificamente a região de Ribeirão Preto. Esta região desenvolveu-se com a cultura do café e, paralelamente, com a instalação da ferrovia. Ela é atualmente é uma das mais ricas do estado.

Na segunda metade do século XIX, o cenário na Europa e nos EUA era da imprensa comercial, caracterizada pelo vínculo à publicidade e ao atendimento das necessidades de consumo do público leitor. O propósito não era mais influir politicamente.

As novas formas de financiamento da imprensa, as receitas da publicidade e dos crescentes rendimentos das vendas dos jornais, permitiram a despolitização da imprensa, passo fundamental na instalação do novo paradigma do jornalismo: o jornalismo como informação e não como propaganda, isto é, um jornalismo que privilegia fatos e não a opinião (TRAQUINA, 2005, p.36).

Além dos anúncios publicitários nos jornais, foi neste contexto que ocorreram novos avanços à imprensa, entre eles: a melhoria nas reproduções das imagens, a rapidez na transmissão das informações via telégrafo, a escolarização das massas

associado ao aumento das tiragens dos jornais e ainda o crescimento de futuras metrópoles do século XX (TRAQUINA 2005).

No Brasil, o cenário da imprensa era outro. O país, por sua vez, não galgava a escolarização das massas e ainda não desfrutava a transmissão de informações via telégrafo. A imprensa só existiu de forma sistemática a partir de 1808, com a vinda da Corte portuguesa e a instalação da tipografia da Imprensa Régia. Durante a primeira metade do século XIX, além dos jornais europeus que circulavam em território brasileiro, destacaram-se o *Correio Braziliense*, o *Idade d'Ouro do Brazil*, a *Gazeta do Rio do Janeiro*, o *Patriota*, o *Espelho*, o *Bem da Ordem*, o *Jornal do Comércio*, o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal de Anúncios*, no entanto, a imprensa nacional era artesanal e não empresarial. Durante o período anterior à Independência, 1820 e 1821 emergiu a opinião pública, associada à liberdade de imprensa e ao fim da censura prévia. Isto repercutiu no crescimento da imprensa brasileira, o que não significou, necessariamente, o fim do controle desta atividade (MARTINS & DE LUCA, 2008).

Segundo Martins e De Luca (2008), a opinião pública caracterizou-se como um recurso para legitimar posições políticas e como um instrumento para transformar algumas demandas setoriais em vontade geral.

Na verdade, não ocorre uma transformação repentina de uma imprensa artesanal e política para a empresarial: trata-se de uma mudança gradativa e não linear que se deu ao longo de todo o século XIX, durante o qual as duas características conviveram (MARTINS & DE LUCA, 2008, p. 41).

No interior do estado de São Paulo, na região noroeste, fortalecia a cultura cafeeira e a imprensa chegou mais tarde, no final da segunda metade do século XIX, com perfil artesanal. O propósito da discussão é olhar de perto como se deu a construção da imprensa e do jornalismo desta região e seu papel no contexto local.

II. A construção do objeto

O método a ser adotado na presente pesquisa é o que possibilita a análise das transformações históricas, entendendo estas sob a perspectiva dialética, ao conceber o materialismo histórico. Pretende-se identificar a relação entre as transformações históricas e a constituição da profissão de jornalismo, considerando aqui o contexto social, econômico, político e cultural, bem como as inovações tecnológicas. Entende-se



por tecnologia um conjunto de práticas, saberes, instrumentos e métodos que geram a notícia.

O projeto de pesquisa é composto por dois eixos. O primeiro eixo refere-se aos estudos sobre a história do jornalismo e sua relação com os determinantes sociais e as transformações tecnológicas. Nesta etapa estão sendo estudados os impressos nacionais, desde os primórdios. O segundo eixo irá abordar a história da formação do jornalista no âmbito institucional e uma análise da formação atual através de uma amostragem. Esta etapa só irá iniciar quando terminar a primeira. A data prevista é para o próximo ano.

O artigo proposto corresponde à primeira etapa do primeiro eixo: levantar os primeiros impressos na região noroeste do estado de São Paulo e suas características. O objetivo desta etapa é contar a história da imprensa local e regional, das cidades do interior e suas interfaces com a sociedade. As estratégias de coleta de dados utilizadas foram: pesquisa documental no Arquivo Histórico de Ribeirão Preto, na Fundação Biblioteca Nacional e pesquisa bibliográfica.

A região noroeste de São Paulo é ampla, concentra 375 dos 645 municípios do estado. Nesta primeira fase, delimitou-se como ponto de partida a região da cidade de Ribeirão Preto, por se destacar como pólo econômico no interior. A cidade está localizada a 313 quilômetros a noroeste da capital estadual. Sua região administrativa possui 25 municípios, os quais ocupam 3,7% da área do estado. São eles: São Simão, Serra Azul, Serrana, Cravinhos, Jardinópolis, Altinópolis, Sertãozinho, Taquaral, Dumont, Monte Alto, Jaboticabal, Guariba, Pitangueiras, Pontal, Barrinha, Pradópolis, Brodósqui, Luís Antonio, Santa Rosa do Viterbo, Luis Antônio, Santa Cruz da Esperança, Santo Antonio da Alegria, Cajuru, Cássia dos Coqueiros e Ribeirão Preto.³

Segundo o último censo realizado em 2000⁴, Ribeirão Preto possui 504.923 habitantes. A estimativa feita pelo IBGE, em 2007, foi de 547.417 habitantes. Ao considerar a região, incluindo o município de Serrana e Cravinhos, o número aumenta para 622.224 habitantes, de acordo com a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), espalhados por uma área de 652 km² (urbana 274,08 km² e rural 376,92 km²). Se incluir as cidades de Jardinópolis e Sertãozinho, a população ultrapassa um milhão de habitantes. Ribeirão Preto é o maior pólo, com 47,5% dos moradores da

³ Fonte: SEADE (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados), 2007.

⁴ Fonte: IBGE Censo 2000.



região. Somando-se sua população à de Sertãozinho, Jaboticabal, Monte Alto e Serrana, chega-se a 66,7% dos habitantes da área.

Apesar de Ribeirão Preto ser hoje a maior cidade da região, no século XIX, ela pertencia a São Simão, localizada a 280 km da capital e a aproximadamente 60 km de Ribeirão Preto. E é a cidade de São Simão que sedia o primeiro jornal da região noroeste do estado de São Paulo. Oliveira (1975) registra que durante o século XIX criaram 8 jornais na cidade, além da presença do correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo*. Alguns desses jornais contam porque o cenário do centro regional deixou de ser São Simão e passou a ser Ribeirão Preto.

III. Um breve olhar histórico

Oliveira (1975) mostra que os primeiros registros sobre São Simão datam do século XVII. Em 1670, passou pelo local o bandeirante Bartolomeu Bueno de Siqueira e no ano seguinte o bandeirante Luis Castenho de Almeida, em expedição a direção ao estado de Goiás, que relatou a presença de índios na região. Foi no período do bandeirismo de preação, quando capturavam índios para ser mão de obra escrava. Depois, as terras foram arrendadas pela igreja, tornando-se sesmaria. O cultivo de café inicia em 1840, com o pioneiro Joaquim Pereira de Macedo. No século XIX, São Simão chegou a ser a segunda maior cidade do estado de São Paulo, com 30 mil habitantes.

Em 14 de maio de 1835, São Simão foi elevada à categoria de Capela, quase sete anos depois passou a ser Freguesia, mas ainda pertencia a Casa Branca. Foi em 22 de abril de 1865 que São Simão tornou-se município. Na década de 70 do mesmo século, em 1877, o município tornou-se Comarca e, em 4 de março de 1895, foi elevada a categoria de cidade. Ribeirão Preto, por sua vez, separou-se de São Simão em 1871. Nesta época, São Simão representava prosperidade. Estava localizada mais próxima da capital e recebeu primeiro, a cultura do café e suas benfeitorias (OLIVEIRA, 1975).

A ferrovia chega a São Simão, em 16 de agosto de 1882, com a inauguração do trecho Casa Branca – São Simão, da então Companhia Mogyana de Estradas de Ferro e Navegação, juntamente com o telégrafo ferroviário. Em 29 de junho de 1884, circula em São Simão, o primeiro jornal da região, o *Tamanduá*.

O crescimento da cidade foi afetado no final do século XIX, pelas epidemias que além de causarem óbitos, causaram a saída dos moradores de São Simão e o



deslocamento deles para a região, principalmente Ribeirão Preto. Não há dados exatos sobre o número de mortes, pois havia muitos escravos na época e eles não eram enterrados no cemitério da cidade. Ao todo foram três epidemias de febre amarela, ocorridas em 1896, 1898 e 1902, e uma epidemia de varíola que ocorreu em 1887. O correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* contou, na edição de 8 de maio de 1897, sobre a epidemia de febre amarela que iniciou em 1896 (OLIVEIRA, 1975). A cidade que já ocupou o lugar da segunda maior cidade do estado de São Paulo, atualmente possui 13.675 habitantes, segundo dados do SEADE referente ao ano de 2005.

Quando São Simão ocupou espaço de centro regional, foi berço de temas relevantes: antes mesmo da Proclamação da República, a Câmara Municipal de São Simão propôs, em 31 de janeiro de 1888, a extinção da monarquia e a anulação do 3º Império; em 1892, a Câmara aprova o abastecimento de água por meio de chafarizes e canalização para o serviço domiciliar para esgoto e abastecimento de luz elétrica; em 1896, surge a primeira linha telefônica; em 1900, começou a funcionar a própria usina hidrelétrica na cidade (OLIVEIRA, 1975).

Ribeirão Preto foi fundada em 1856, a partir de núcleos fazendeiros de criação de gado, e pertencia à região de São Simão. O primeiro dono e doador de terras de Ribeirão Preto foi José Mateus dos Reis, dono da maior parte da Fazenda das Palmeiras, que fez a doação de terras no valor de 40 mil reis. Em 2 de novembro de 1845, no bairro das Palmeiras, foi fincada uma cruz de madeira como tentativa de demarcação de um patrimônio para a futura capela de São Sebastião.

A linha férrea Mogiana chega a Ribeirão Preto em 1883 e possibilitou a expansão da cultura cafeeira que existia desde a década de 1870, quando alavanca a exportação no país.

A exportação brasileira do café começou a crescer a partir de 1816. Na década de 1830-1840, o produto assumiu a liderança das exportações do país, com mais de 40% do total; o Brasil tornou-se, em 1840, o maior produtor mundial de café. Na década 1870-1880, o café passou a representar até 56% do valor das exportações. Começou então o período áureo do chamado ciclo do café que durou até 1930; no final do séc. XIX, o café representava 65% do valor das exportações do país, chegando a 70% na década de 1920 (OLAIA, 2009, p. 13).

A expansão do café levou a um crescimento da população de Ribeirão Preto, que passou dos 5.552 pessoas em 1874, para 10.420 em 1886. Depois da assinatura da lei



Áurea que extinguiu a escravidão no Brasil, o governo da província de São Paulo passou a estimular a vinda de imigrantes europeus, provocando em Ribeirão Preto um grande aumento populacional, passando para 59.195 habitantes, em 1900, um crescimento muito maior do que o registrado nos outros municípios da região durante esse período (OLIVEIRA, 1975).

Segundo Olaia (2009), o primeiro jornal a circular em Ribeirão Preto foi o *A Lucta*, do jornalista Ramiro Pimentel, em 7 de setembro de 1884, quase três meses depois do jornal *Tamanduá* de São Simão.

IV. Os primórdios da imprensa na região noroeste paulista

Durante o século XIX floresceram alguns jornais em São Simão e Ribeirão Preto, porém a maioria com vida curta.

O que então se conhecia por imprensa periódica é bem diferente do que hoje se compreende como tal, inclusive em seu suporte físico: apesar de algumas iniciativas estáveis, havia grande número de títulos efêmeros. Mesmo demandando alguns recursos financeiros, não era preciso ser muito rico para fazer circular um jornal, que tinha formato pequeno e poucas páginas, com anúncios escassos. Tanto um jornal governista quanto um opositor tinham um alcance, em princípio semelhante. E não era necessário ser um privilegiado social para comprar eventualmente um exemplar, cujo preço estava acessível até mesmo para um escravo de ganho que se interessasse em sua leitura (MARTINS & DE LUCA, 2008, p. 36).

Em 29 de junho de 1884, José Antonio Ribeiro de Castro funda, com a autorização da Câmara de São Simão, o primeiro jornal da região: *Tamanduá*. O redator era Carlos Augusto Hoiffe. No mesmo ano, ele também fundou o *Simonense*, mas de vida curta. Segundo Oliveira (1975) há registros de outros dois impressos neste período: *Bagaceiro* e *Sétimo Distrito*, ambos com pouco tempo de vida.

Em junho do ano seguinte, surge o jornal *Cidade de S. Simão* que deixou de circular em 1899. Em 9 de setembro de 1897, é criado o jornal *Município de São Simão* e depois de um ano, ele passa a ser o jornal oficial da Câmara, sendo o porta voz do Partido Republicano. Um ano depois, em 1898, o Grêmio Operário São Simonense criou o jornal o *Operário*, que também não durou muito. Em maio de 1900, o jornal *Correio de São Simão* vem substituir o espaço deixado pelo então jornal denominado *Cidade de S. Simão*. E o movimento de criação de novos jornais continua no século XX.

Em 17 de setembro de 1904, o português Manoel Teixeira Mendes funda o jornal *O Trabalho*, que se torna o órgão oficial do Partido Republicano, no lugar do já não mais existente *Município de São Simão* (OLIVEIRA, 1975). Ao todo foram 8 jornais no século XIX, além do correspondente do jornal da capital *O Estado de S. Paulo* que fazia coberturas em São Simão, como no caso das epidemias de varíola, febre amarela ou do lendário Dioguinho, um bandido caipira que viveu na região neste período (GARCIA, 2002).

O grande número de jornais que circulou em São Simão vem mostrar à sociedade o grau de cultura do simonense. O jornal é a prova de cultura. (...) a falta de grandes anunciantes e devido ao pequeno número de assinantes não obtém renda suficiente para se manterem (OLIVEIRA, 1975, p. 192).

Os assuntos reportados eram diversos, tratavam esporte, como mostra o trecho do jornal *Cidade de S. Simão* em 22 de novembro de 1896:

(...) as cores verde, amarela, azul e branca são adotadas pelo Grêmio (art. 29). O estandarte terá estas cores e mais um martelo, um fornão e uma brocha, com os dizeres JESUS e TRABALHO. O dia 1º de maio será respeitado por todos os sócios (art.30) (OLIVEIRA, 1975, p.243).

O caso do Dioguinho também foi manchete do jornal *Cidade de S. Simão*, em 6 de fevereiro de 1898: “Dioguinho, o tristemente famigerado criminoso, era de estatura mediana, magro, olhos pequenos, vivos e cintilantes, de fisionomia quase simpática, insinuante e inteligente” (OLIVEIRA, 1975, p.264). E do jornal *O Estado de S. Paulo* que, em 8 de maio de 1897, noticiou o episódio em que Diogo da Rocha Figueira ofereceu café a uma família quando o trem parou. Temas corriqueiros que interessavam a população local eram sempre noticiados: 6 de dezembro de 1896, Jornal *Cidade de S. Simão* “[...] uma das bandas da cidade era regida pelos maestros Manoel Cassiano Nogueira e Frederico Ribeiro” (OLIVEIRA, 1975, p. 236). Em 19 de novembro de 1897, o jornal *Cidade de S. Simão* noticiou a greve dos colonos da Fazenda Jatahy da Cia. Paranapanema: “[...] declaravam greve pacífica (sem explicar qual o motivo). O delegado de polícia foi para lá com alguns soldados” (OLIVEIRA, 1975, p.226). A notícia ainda informava que já havia ocorrido outra greve semelhante só que em outro local, em uma fazenda no Distrito de Serra Azul.



Em Ribeirão Preto, o primeiro jornal surge logo depois do *Tamanduá*, foi o jornal *A Lucta*. Ele representava a oposição ao governo da época. Semelhante à história da imprensa de São Simão, em Ribeirão Preto também apareceu vários jornais no final do século XIX, mas apenas um persistiu ao tempo e às transformações.

Nessa época, no entanto, os veículos de comunicação não tinham durabilidade longa. A *Lucta* logo fechou depois de algumas edições. O mesmo ocorreu com dezenas de outros periódicos das últimas duas décadas do século XIX. Apenas a partir de 1898, com a fundação do *Diário da Manhã* – em 1905, foi a vez de *A Cidade* –, o jornalismo local começou a se consolidar. (KOMAR, 2002 apud ARAÚJO & GERALDO, 2006, p.3).

Em 1889, Manoel da França fundou o semanário *O Ribeirão Preto*, com o intuito de ser mais de caráter político. O jornal passou por três tentativas de circulação, a segunda foi dirigida por Antônio Guimarães. Outro jornal da época a causar repercussão política foi *O Sorriso*, que teve o seu fundador assassinado. Dois anos depois surgiu o jornal *O Repórter*, que foi um marco para os padrões da época (JACOB, 2007).

O jornal *O Repórter*, fundado em 15 de novembro de 1891, inaugurou um padrão de jornalismo adiantado para a época, cercado de profissionais como Juvenal de Sá, Alfredo Sodré e Tito de Sá, auxiliados por Elpídio Gomes e Braz Arruda (JACOB, 2007, p.124).

Em 15 de fevereiro de 1897, Juvenal de Sá lançou *O Jornal do Oeste*, que também teve pouco tempo de duração. Mais de um ano depois, em 1º de junho de 1898, Sá fundou o primeiro jornal diário da cidade, *O Diário da Manhã*, que em 1906 foi transferido para o comando de Osório Corrêa e, em 1909, foi vendido a Sosthenes Gomes (JACOB, 2007).

Alguns outros jornais surgiram em Ribeirão Preto com a intenção de divulgar os fatos da cidade, mas nenhum conseguiu acompanhar o desenvolvimento econômico e político do município. Como furacões, os periódicos chegavam e em pouco tempo desapareciam (KOMAR, 2002, p.22).

A Fundação Biblioteca Nacional tem catalogado e micro filmado os seguintes periódicos de Ribeirão Preto, datados neste período do século XIX: 5 de abril de 1896, *A Petala*, identificado como folha humorística e literária; 13 de novembro de 1897, *A*

Tagarella, caracterizado como semanário humorístico, literário e noticioso; 1 de janeiro de 1898, *A Tribuna*, representando os interesses republicanos; 13 de julho de 1898, *A Mocidade*, também classificado como periódico humorístico, literário e noticioso; e em 27 de agosto de 1899, o *Lo Scudiscio*.

Outro município que também sediou um jornal antes do século XX, foi Sertãozinho, localizado a 21,4 km de Ribeirão Preto e a 75,2 km de São Simão. Em janeiro de 1898, Antônio do Prado criou o jornal *A Gazeta de Sertãozinho* (FURLAN JUNIOR, 1956).

O levantamento cronológico do surgimento da imprensa no interior, da região noroeste do estado de São Paulo, mais especificamente a região de Ribeirão Preto formada por 25 municípios, mostra que os impressos só conseguiram se solidificar como negócio no século XX. No século XIX, os periódicos manifestaram-se como iniciativas individuais, com pouco tempo de vida, motivados por fatores diferentes como: informar sobre os acontecimentos locais (epidemias, greves, crimes, acontecimentos esportivos, culturais entre outros); ou apoiados às ideologias políticas da época (republicana ou governista); ou, ainda, como porta vozes dos imigrantes que vieram trabalhar na lavoura de café.

Segundo Dornelles (2008, p.1) a imprensa local no Brasil surgiu no século XIX com características próprias da imprensa interiorana, decorrentes de iniciativas individuais, interessadas no sucesso econômico do novo negócio e manifestando a pluralidade de identidades que caracterizavam os diversos grupos e sociedades do país.

Com a mudança dos tempos, o avanço da tecnologia, o crescimento das cidades, as descobertas, as inovações, esta realidade foi se alterando e o “jornalismo ideológico, romântico ou de características pessoais e culturais, presente em grandes veículos de comunicação, foi dando espaço a uma prática jornalística empresarial”.

A velocidade do desenvolvimento dos impressos na região noroeste está relacionada com o próprio crescimento da região e o auge da cultura cafeeira no final do século XIX e início do século XX. Ocorrem os investimentos na ferrovia e nos seus ramais para transportar o café até o porto de Santos, rumo à exportação. O Brasil conquistou o status de um dos maiores países produtor de café. A riqueza fruto do café proporcionou, ainda no século XIX, a instalação da comunicação no interior: primeiro

foi a vez do correio, seguido do telégrafo, e, depois, o telefone. E não parou. Entrou no século XX investindo na região. Foi o período da *Belle Époque* caipira que coincidiu com o período da República Velha de 1889-1930.

Considerações Finais

Procurou-se neste artigo identificar os primeiros jornais da região noroeste no interior paulista e algumas de suas características. Os documentos são escassos. Há poucos exemplares digitalizados na Fundação Biblioteca Nacional, o restante dos dados foram adquiridos em registros históricos que contam sobre eles, alguns com pequenos trechos textuais. No entanto, o levantamento histórico mostrou que os primeiros periódicos não persistiram muito tempo e não se viabilizaram como um negócio rentável, faltou anúncios publicitários. Os periódicos funcionaram mais como porta vozes de acontecimentos locais e repercussores de ideologias políticas, atendendo interesses pessoais e momentâneos. A imprensa, nesta região, caracterizou como artesanal até o final do século XIX. E não tinha como ser diferente, a região estava começando a se desenvolver, impulsionada pela cultura do café. Os conglomerados estavam se formando, primeiro com os escravos e depois com os imigrantes. Surgiram as cidades, alavancando o comércio e os serviços para atender a população local. No contexto nacional, a imprensa ainda não comemorava um século de vida.

O interessante é constatar que os periódicos da região noroeste do interior paulista surgiram no período de formação dos conglomerados, antes mesmo da vinda do telégrafo. Apesar da facilidade de saber o que acontecia nos conglomerados, pois os acontecimentos eram transmitidos pelas próprias pessoas, pelo auto falante da igreja e registrados nos livros das mesmas, despertou-se a necessidade de trazer a imprensa para o interior. Foram os primeiros passos dos jornais locais e regionais que no século XX se solidificam como empresas de comunicação. Outro aspecto curioso constatado nesta análise preliminar são alguns dos conceitos de valores-notícia identificados pelos teóricos do jornalismo, entre eles tragédia, crime, notoriedade, proximidade e atualidade.

O estudo não tem a pretensão de encerrar a discussão e sim suscitar novas contribuições.

Bibliografia

ARAÚJO, L. C. E. de; GERALDO, S. **Memória do jornalismo impresso de Ribeirão Preto – o início da profissionalização das redações.** Disponível em: http://www.unaerp.br/comunicacao/inrevista/edicoes/edicao04/sebastiao_eblak.pdf. Acesso em 26 de maio de 2009.

CURY, C. R. J. **Educação e contradição.** São Paulo: Cortez Editora, 1985.

DORNELLES, B. **Imprensa local.** Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Imprensa_Local_-_Beatriz_Dornelles. Acesso em 1 de junho de 2009.

FURLAN JÚNIOR, A. **Documentário histórico de Sertãozinho: 1896-1956.** Sertãozinho: Estabelecimento Político, 1956.

GARCIA, J. Dioguinho. **O matador de punhos de renda.** São Paulo: Casa Amarela, 2002.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide - para uma teoria marxista do jornalismo.** Porto Alegre, Tchê, 1987.

IANNI, O. **Dialética e capitalismo. Ensaio sobre o pensamento de Marx.** Petrópolis: Vozes, 1985.

JACOB, C.B. Jornalismo escrito em Ribeirão Preto: empresas familiares e planejamento sucessório. In Revista *Matteria Primma*. Ribeirão Preto: Ed. Faculdades COC, 2007. Vol.1, Nº.1.

KOMAR, Livia M. **Jornal Verdade: reconstruindo a história.** Ribeirão Preto: Unaerp (Monografia), 2002.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: 34, 1999.

MARTINS A. L. & LUCA T. R. de. **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

OLAIA, A. R. **Fazendas históricas de café.** Disponível em: <http://arara.fr/BBCAFEFAZENDAS.html>. Acesso em 29 de maio de 2009.

OLIVEIRA, F. P. de. **Elementos para a história de São Simão.** São Paulo: Ed. São Paulo, 1975. Arquivo público e histórico de Ribeirão Preto. Disponível em: <http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/scultura/arqpublico/i14index.asp?pagina=/scultura/arqpublico/instrumento/i14indice.htm>. Acesso em 23 de maio de 2009.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são.** Florianópolis: Editora Insular, 2005. Vol.I.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis: Editora Insular, 2005. Vol.II.

Fundação Biblioteca Nacional in <http://www.bn.br/portal/>